



## Carta de Descartes a Clerselier

Egmond, Junho ou Julho de 1646<sup>1</sup>

Senhor,

A esperança que tenho de estar logo em Paris é causa de que eu esteja menos dedicado a escrever àqueles que espero ter a honra de aí ver. Assim, já faz algum tempo que recebi aquela carta que o senhor teve o trabalho de escrever-me; mas pensei que não se importaria tanto em ter resposta à questão que de bom grado me propôs, no tocante àquilo que se deve tomar por *primeiro princípio*, porque o senhor já a respondeu melhor do que eu poderia fazer.

Acrescento somente que a palavra *princípio* pode ser tomada em diversos sentidos; e que uma coisa é procurar *uma noção comum*, que seja tão clara e tão geral que possa servir de princípio para provar a existência de todos os Seres, os *Entes*, que se conhecerão depois; e outra coisa é procurar *um Ser*, cuja existência nos seja mais conhecida que a de qualquer outro, de sorte que ela possa nos servir de *princípio* para conhecê-los.

No primeiro sentido, pode-se dizer que *é impossível que o mesmo seja e não seja ao mesmo tempo* é um princípio, e que ele pode em geral servir, não propriamente para nos fazer conhecer a existência de alguma coisa, mas somente fazer com que, quando a conhecemos, confirmemos sua verdade por tal raciocínio: *é impossível que isto que é não seja; ora, eu sei que tal coisa é; logo, eu sei que é impossível que ela não seja*. O que é de bem pouca importância e não nos torna mais sábios em nada.

No outro sentido, o primeiro princípio é o de que *nossa Alma existe*, porque não há nada cuja existência nos seja mais notória.

Acrescento também que não é uma condição que se deva requerer ao primeiro princípio, a de ser tal que todas as outras proposições possam ser reduzidas a ele e provadas por meio dele; basta que ele possa servir para encontrar muitas e que não haja nenhuma outra da qual ele dependa, nem que se possa encontrar antes dele. Pois é possível que não haja em lugar nenhum do mundo algum princípio único ao qual todas as coisas possam ser reduzidas; e a maneira pela qual se reduzem as outras proposições a essa, *é impossível que o mesmo seja e não seja ao mesmo tempo*, é supérflua e de uso nulo; enquanto que é de grande utilidade que se comece por assegurar-se da *existência de Deus* e, em seguida, daquela de todas as criaturas, *pela consideração de sua própria existência*.

O padre Mersenne havia me informado que o senhor le Conte deu-se ao trabalho de fazer algumas objeções contra minha Filosofia; mas eu ainda não as vi. Peço-lhe que o assegure de que eu as espero e que me agrada que ele tenha se dado ao trabalho de escrevê-las.

O Aquiles de Zenão não será difícil de resolver se nos atentarmos que, se à décima parte de alguma quantidade acrescentamos o décimo desse décimo, que é um centésimo, e ainda o décimo

1 B Let 2226-2229; AT IV 443-447

deste último, que não é senão um milésimo da primeira, e assim ao infinito, todos esses décimos reunidos juntos, ainda que sejam supostos realmente infinitos, não compõem, todavia, senão uma quantidade finita, a saber, a nona parte da primeira quantidade; o que pode ser facilmente demonstrado. Pois, por exemplo, se da linha AB se obtiver a décima parte do lado próximo de A, a saber, AC



e, ao mesmo tempo, obtivermos oito vezes iguais do outro lado, a saber, BD, não resta entre os dois senão CD, que é igual a AC; depois, novamente, se de CD obtivermos sua décima parte a partir de A, a saber, CE, e oito vezes iguais do outro lado, a saber, DF, não restará entre as duas senão EF, que é um décimo de CD inteiro; e se continuarmos indefinidamente a obter, do lado marcado A, um décimo do que tivermos obtido antes, e oito vezes iguais do outro lado, encontraremos sempre, entre as duas últimas linhas que tivermos obtido, um resto que é a décima parte de toda a linha a partir da qual eles foram obtidos – e de tal décimo poderemos novamente obter duas outras linhas da mesma maneira. Mas se supusermos que isso tenha sido feito por um número atualmente infinito de vezes, então não restará absolutamente mais nada entre as duas linhas que tinham sido assim obtidas, e teremos chegado, pelos dois lados, justamente no ponto G, supondo que AG é a nona parte de AB inteira e, conseqüentemente, que BG é o óctuplo de AG. Pois, dado que aquilo que teremos obtido do lado de B terá sido sempre o óctuplo do que tínhamos obtido do lado de A, é necessário que o *aggregatum*, ou a soma de todas essas linhas obtidas do lado de B, que compõem, todas ao mesmo tempo, a linha BG, seja também o óctuplo de AG, que é o agregado de todas aquelas que tenham sido obtidas do lado de A. E, conseqüentemente, se à linha AC adicionamos CE, que é a décima parte, e mais um décimo deste décimo e assim ao infinito, todas essas linhas juntas não comporão senão a linha AG, que é um nono da AB inteira, assim como empenhei-me em demonstrar.

Ora, estabelecido isso, se alguém diz que uma tartaruga que está dez léguas adiante de um cavalo (que vai dez vezes mais rápido que ela) não pode jamais ser ultrapassada por ele, porque, enquanto o cavalo faz essas dez léguas, a tartaruga faz mais uma e que, enquanto o cavalo faz esta légua, a tartaruga avança ainda a décima parte de uma légua, e assim ao infinito; deve-se responder que, verdadeiramente, o cavalo não a ultrapassará mesmo, enquanto ele fizer essa légua e esse décimo e 1/100 e 1/1000 etc. de légua, mas que disso não se segue que ele não a ultrapassa jamais, porque esses 1/10 e 1/100 e 1/1000 não são senão 1/9 de uma légua, no fim do qual o cavalo começará a ultrapassá-la. E a parte capciosa está em se imaginar que essa nona parte de uma légua é uma quantidade infinita, porque nós a dividimos pela nossa imaginação em partes infinitas.

Eu sou infinitamente, etc.

Tradução e nota: Fábio Baltazar do Nascimento Júnior (UFU).

### Nota

A carta aparece sem data na edição de Clerselier. Não obstante, há poucas dúvidas quanto ao fato de que a carta foi escrita entre os meses de junho e julho. Dois dos indícios mais importantes para essa datação são as referências, feitas por Descartes, à viagem para Paris - o autor estava então na Holanda - e às objeções de Le Conte aos *Princípios da Filosofia*. Em outra carta, a Princesa Elizabeth diz que esperava Descartes em treze de julho (B Let 2230; AT IV 448). Clerselier envia as objeções de Le Conte a Descartes também em julho (B Let 2232-2265; AT IV 453-471).

Com relação ao conteúdo propriamente filosófico, podemos dividir a carta em duas partes. Na primeira parte, Descartes disserta sobre a noção de *princípio*, ao comparar um princípio regulador como o princípio de não contradição, que, nas palavras de Kant, é uma “condição negativa da verdade”, e um princípio ontológico positivo como a existência da alma. Na segunda parte, Descartes dá uma solução ao paradoxo de Aquiles e a tartaruga mostrando que a soma de uma série infinita pode ser finita, antes mesmo desse tipo de solução tornar-se popular, já que o estudo das séries infinitas é ligado, historicamente, ao *De Analysi* de Issac Newton, livro concebido nos anos 60 do século XVII, mas publicado apenas no início do século XVIII. No fim da sua solução, Descartes menciona a diferença entre imaginar cada parte de uma quantidade e a possibilidade de pensá-la. Se os paradoxos de Zenão pretendiam mostrar a dificuldade de *pensar* o movimento e, conseqüentemente, bastariam para questionar o *ser* do movimento (uma vez que, para os eleatas, “ser e pensar são o mesmo”), Descartes procura argumentar que, ao contrário, o movimento é pensável, ainda que não necessariamente imaginável em cada um de seus passos. ., 2017.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.